

APRESENTAÇÃO

Desde os anos 1970, os sociólogos da educação vêm tentando decifrar a caixa-preta da escola, buscando compreender o que acontece no seu cotidiano, em seu funcionamento interno. As primeiras pesquisas de Michael Young, Basil Bernstein e Pierre Bourdieu, dentre outros, buscaram decifrar os conhecimentos selecionados e a forma de transmiti-lo que muito particularmente no interior da escola contribuíam para o fracasso escolar das crianças oriundas das classes populares. Pouco a pouco, foram chegando os antropólogos e, nos anos 1990, a partir da denúncia do historiador inglês Harold Silver de que o funcionamento interno da escola se constituía num dos silêncios da história da educação, a cultura da escola transformou-se em objeto de pesquisa dos historiadores.

A partir de então, os historiadores têm buscado, de diferentes maneiras, preencher esta lacuna. Nessa empreitada, a conferência proferida por Dominique Julia, no encerramento da *International Standing Conference for the History of Education – ISCHE* -, realizada em 1993, publicada sob o título “La culture scolaire comme objet historique”, na *Paedagogica Histórica*, em 1995, é emblemática. Impulsionou e iluminou muitas das pesquisas e publicações que vieram a lume desde então. Além de Julia, convém destacar as pesquisas de André Chervel e dos historiadores espanhóis Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano Benito, dentre outros. No Brasil, dezenas de pesquisadores vêm tentando desentranhar a inteligibilidade das normas, saberes e práticas postas em prática nas escolas brasileiras ao longo dos tempos, estimulados, dentre outros, pelos pioneiros estudos de Luciano Mendes Faria Filho e Diana Gonçalves Vidal.

Trata-se, sem dúvida, de uma importante categoria de análise para a historização da escola, assentada no princípio de que no interior desta instituição produz uma cultura que, apesar de articulada com práticas culturais mais amplas da sociedade, guarda uma sua própria singularidade.

A pretensão deste dossiê é, pois, contribuir para o avanço da discussão nesta área, ao apresentar análises de fontes diferenciadas, mas convergentes para a compreensão da complexidade da educação escolar e suas práticas. Nos estudos aqui reunidos, privilegia-se a

cultura material da escola, uma de suas facetas menos investigadas.

Lugar de memória, tal como afirmou Maria Cristina Menezes (2005, p.14), a cultura material da escola, constituída pelo universo de objetos e instrumentos utilizados no exercício da atividade de ensino-aprendizagem, constitui suporte físico das práticas escolares, cujos vestígios possibilitam (re)conhecer a instituição desvendando-lhe a inteligibilidade. Dessa forma, segundo a autora, “não se pode mais prescindir das investigações que consideram os mais diversos lugares de memória”, pois são “capazes de fornecer pistas, ao indiciarem práticas e propiciarem a revisão de pressupostos teóricos e metodológicos, diante das possibilidades dessas outras fontes documentais” (MENEZES, 2005, p.14).

Dos materiais didáticos às políticas públicas direcionadas à inserção de materiais nas escolas, passando pela discussão dos usos e dos sentidos emblemáticos que tais objetos incorporam no espaço escolar, vai-se constituindo uma gama de objetos de pesquisa e estudo. Os textos desse dossiê organizam-se dentro deste foco: a cultura material da escola como objeto histórico. No entanto, para além de analisarem tais possibilidades sob este enfoque, apontam os sentidos desses artefatos no espaço escolar e sua apropriação e criação de culturas na e sobre a escola.

Nesta perspectiva, o artigo “*Patrimonio material de la escuela e historia cultural*”, de autoria de Agustín Escolano Benito, realiza uma instigante reflexão sobre o valor patrimonial da cultura material da educação como objeto historiográfico, os modos de aproximação metodológica a seu estudo e o papel que a memória da escola pode desempenhar na educação cívica e crítica da cidadania.

Diana Gonçalves Vidal e Vera Lucia Gaspar da Silva, no artigo intitulado “*Por uma história sensorial da escola e da escolarização*”, discutem as potencialidades dos estudos sobre sua cultura material dotada do maior nível de visibilidade para a percepção da apropriação social e para a apreensão da dimensão material da vida escolar. A discussão das autoras organiza-se a partir de três eixos: a) a indústria escolar e a escola como mercado, b) os vestígios da materialidade da escola e c) a história sensorial da escola e da escolarização.

Ana Maria Badanelli, por sua vez, apoiada na experiência acumulada no Centro de Investigación MANES, em Madrid, Espanha, sobre os manuais e livros escolares, discute, no seu artigo “*La investigación histórica con manuales escolares: ventajas y limitaciones*”, as possibilidades oferecidas por estes suportes para as investigações no campo da história da educação, além de indicar possíveis soluções para os limites metodológicos que apresentam. Apesar de diferentes características, formatos e distintos conteúdos, ressalta que os manuais escolares são instrumentos centrais nos processos de ensino e aprendizagem no espaço

escolar. Esta característica é que o torna uma peça-chave na reconstrução da história do currículo e da escola.

Fechando o dossiê, Carlos Manique da Silva, no artigo “*A apropriação de um modelo educacional: o ensino mútuo no Funchal nas primeiras décadas de Oitocentos*”, analisa modelo de ensino mútuo, consubstanciado no método Lancaster nas escolas do Funchal, na Ilha da Madeira, nas primeiras décadas do século 16. A partir do aporte teórico que aposta na existência de uma interface entre o mundial e o local na difusão e circulação do conhecimento pedagógico, na reflexão realizada neste texto, Manique conclui que a apropriação de modelos pedagógicos no plano local é fruto de um “acolhimento seletivo”, de um lado, entre as influências internacionais e, de outro, as trajetórias históricas que podem assumir diferentes “resoluções locais”.

Temos a convicção de que, com este painel de textos, a Revista Linhas contribui qualificadamente com as discussões sobre o estado da arte das pesquisas sobre a cultura material da escola. Resta-nos agradecer aos autores/as que nos confiaram seus textos e convidar os/as leitores/as à leitura.

Referências

JULIA, Dominique. “La culture scolaire comme objet historique”, em NOVOA, Antonio et al. The colonial experience in education. **Paedagogica Histórica**, 1995. p. 356-370.

MENEZES, Maria Cristina. (Org.) Dossiê: Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus. **Revista Pro-Posições**. Campinas/São Paulo, v. 16, n. 1 (46) jan./abr. 2005.

Florianópolis, novembro de 2010

Gladys Mary Ghizoni Teive
Elisa Maria Quartiero
Vera Lúcia Gaspar da Silva
(organizadoras)